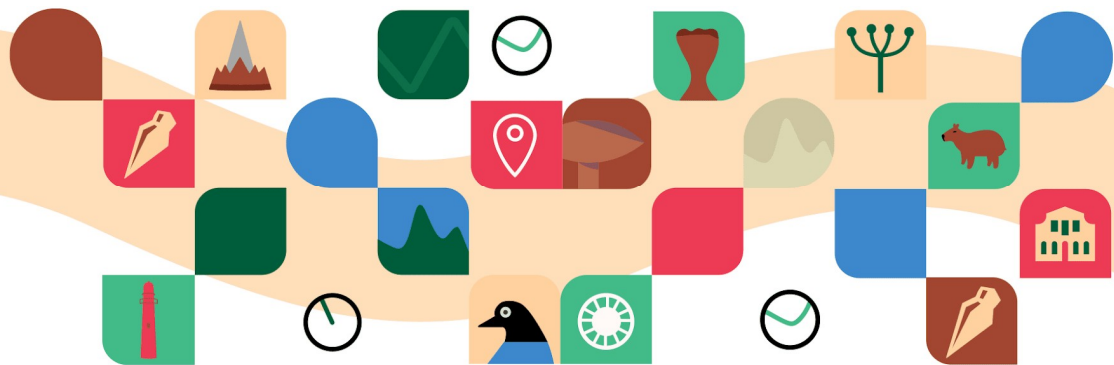




bit.ly/5edesc
planettt.com.br/edesc

**CAMINHO DOS ENCONTROS: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE UMA ROTA DE
CICLOTURISMO ENTRE GUARULHOS E APARECIDA, SP – DO URBANO AO
VERDE**

***THE WAY OF ENCOUNTERS: AN EXPERIENCE REPORT ON A CYCLING ROUTE
BETWEEN GUARULHOS AND APARECIDA, SP – FROM URBAN TO GREEN***

Marcos Roberto Paglione ¹

Emerson Barão Rodrigues Soldado ²

FORMATO PARA CITAÇÃO:

PAGLIONE, M. R.; SOLDADO, E. B. R. Caminho dos encontros: relato de experiência sobre uma rota de cicloturismo entre Guarulhos e Aparecida, SP – do urbano ao verde. In: ANAIS DO ENCONTRO PARA O DESENVOLVIMENTO DO CICLOTURISMO. 5, 2026, Curitiba, Paraná. Anais. Rio de Janeiro: Planettt, 2026. p. 130-143. ISSN 2965-3568. DOI: 10.5281/zenodo.19065588

¹ Secretaria Estadual de Educação de São Paulo.

² Instituto Federal de São Paulo - IFSP.

REALIZAÇÃO:



observatório do
CICLOTURISMO



APOIO:



RESUMO

O presente artigo relata o processo de idealização, planejamento e implementação do Caminho dos Encontros, uma rota de cicloturismo religioso que conecta a cidade de Guarulhos ao Santuário Nacional de Aparecida, em São Paulo, passando por municípios do estado de Minas Gerais. A iniciativa surgiu da necessidade de oferecer um trajeto seguro, acessível e inspirador, evitando rodovias movimentadas e priorizando paisagens naturais e rurais. Com base em experiências prévias de ciclovagens, em práticas colaborativas e adotando uma abordagem de pesquisa-ação, o percurso foi traçado utilizando ferramentas digitais e testado por ciclistas voluntários, permitindo reflexão sistemática sobre cada etapa do processo. Atualmente com cerca de 261 km, a rota foi oficializada por lei municipal e tem conquistado crescente adesão da comunidade ciclística e de peregrinos. Além de fomentar o turismo sustentável, o projeto busca fortalecer a espiritualidade, o bem-estar e a valorização territorial. Os resultados iniciais apontam desafios relacionados à sinalização, infraestrutura e governança intermunicipal, mas também revelam o potencial transformador do cicloturismo como vetor de pertencimento, conexão com a natureza e desenvolvimento local.

Palavras-chave: Cicloturismo religioso; Sustentabilidade; Espiritualidade; Mobilidade ativa; Bem-estar.

ABSTRACT

This article reports on the process of conceptualization, planning, and implementation of the Caminho dos Encontros (Way of Encounters), a religious cycling route connecting the city of Guarulhos to the National Sanctuary of Aparecida in São Paulo, passing through municipalities in the state of Minas Gerais. The initiative emerged from the need to provide a safe, accessible, and inspiring route, avoiding busy highways and prioritizing natural and rural landscapes. Based on previous cycling experiences, collaborative practices, and employing an action-research approach, the route was mapped using digital tools and tested by volunteer cyclists, allowing systematic reflection on each stage of the process. Currently approximately 261 km long, the route has been officially recognized by municipal law and has gained growing engagement from the cycling community and pilgrims. In addition to promoting sustainable tourism, the project aims to enhance spirituality, well-being, and territorial appreciation. Initial results highlight challenges related to signage, infrastructure, and inter-municipal governance, but also reveal the transformative potential of religious cycling as a vector for belonging, connection with nature, and local development.

Keywords: Religious cycle tourism; Sustainability; Spirituality; Active mobility; Well-being.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o cicloturismo tem ganhado espaço como uma modalidade de turismo sustentável que promove não apenas benefícios individuais em termos de saúde e bem-estar, mas também impactos positivos nas comunidades locais por onde as rotas passam. Aliado a crescente busca por espiritualidade e contato com a natureza, o cicloturismo religioso emerge como uma alternativa de mobilidade e de turismo de experiência. Nesse contexto, o presente relato apresenta o processo de criação do Caminho dos Encontros, uma rota de cicloturismo idealizada para conectar Guarulhos à cidade de Aparecida, evitando rodovias movimentadas e valorizando trajetos mais seguros e imersos em paisagens naturais e rurais.

A proposta surgiu da necessidade de oferecer aos ciclistas e peregrinos uma opção segura, acessível e inspiradora, baseada em experiências anteriores de viagens ciclísticas ao Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Motivado por esses percursos, e pela ausência de uma rota consolidada partindo de um grande centro urbano, iniciou-se um processo de pesquisa, articulação política e testes para viabilizar um novo trajeto. O presente artigo descreve as etapas dessa construção, os resultados iniciais e os desafios enfrentados na consolidação do caminho como instrumento de valorização territorial, cultural e espiritual.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O cicloturismo no Brasil configura-se como uma modalidade turística complexa e multifacetada, ainda em processo de delimitação conceitual. Tradicionalmente definido como viagem realizada integralmente por bicicleta ao longo de vários dias (Roldan, 2000), o termo também abrange passeios turísticos em que a bicicleta é o meio principal de transporte, mesmo que o deslocamento até o destino ocorra por outros meios (Junior et al., 2011; VIACICLO, s.d.). Essa ambiguidade reflete a diversidade de práticas, desde o cicloviam longo até o uso da bicicleta em explorações culturais e ambientais locais (Becker, Becker e Pisoni da Silva, 2020; Teixeira e Edra, 2020; Sartori, 2020). O cicloturismo destaca-se não apenas pelo exercício físico, mas sobretudo pela valorização da experiência cultural, ambiental e social, promovendo contato

intenso com a natureza e as comunidades visitadas (Carvalho, Ramos e Sydow, 2013; Jenoveva-Neto e Pinto Vieira, 2019, Soldado et al 2021).

Além de seu potencial turístico, o cicloturismo contribui para a saúde e o bem-estar dos praticantes, conforme evidenciado em estudos que ressaltam os benefícios fisiológicos da atividade regular (Ferreira, de Mello e Liberali, 2010). No Brasil, o perfil do cicloturista costuma envolver adultos que viajam em pequenos grupos por até uma semana, hospedando-se em pousadas e movimentando a economia local (VIACICLO, s.d.; Saldanha et al., 2019). Entre as motivações predominantes estão a busca por aventura, contato com a natureza, socialização e interesse cultural, embora ainda persistam desafios significativos relacionados à segurança, infraestrutura cicloviária e condições públicas (Sartori, 2021).

O desenvolvimento de rotas e eventos cicloturísticos tem avançado em várias regiões brasileiras, impulsionando o turismo rural, cultural e ambiental. Exemplos incluem projetos estruturados no Tocantins, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Paraná, que destacam a importância da infraestrutura adequada e do envolvimento comunitário para a consolidação da atividade (Carvalho, Ramos e Sydow, 2013; Almeida, Ramos e Gabriel-Neto, 2017; Becker, Becker e Pisoni da Silva, 2020; Cardoso, Karam e Santos, 2016). Eventos como o Cicloturismo Irati-Paraná ilustram os benefícios ambientais, econômicos e educacionais que o cicloturismo pode gerar (Baptista e Cochinski, 2015; Baptista e de Goveia, 2019).

Apesar das perspectivas promissoras, o setor ainda enfrenta desafios estruturais, especialmente no que tange à falta de infraestrutura cicloviária adequada, à pouca integração entre os setores público e privado e à limitada visibilidade no mercado turístico nacional (Segovia, 2019; Falbo, Edra e Teixeira, 2019; Iha, 2017). A acessibilidade também é apontada como fator crucial para a democratização do cicloturismo, permitindo que diferentes públicos possam usufruir da modalidade sem a necessidade de enfrentar condições extremas (Nazareth, 2017).

No contexto das unidades de conservação e áreas naturais protegidas, o cicloturismo apresenta-se como uma atividade com baixo impacto ambiental em comparação a modalidades motorizadas, mas ainda pouco explorada no Brasil (Soldado et al, 2021). Internacionalmente, a gestão participativa e a avaliação dos impactos ambientais e da experiência dos usuários têm sido enfatizadas

para a sustentabilidade da prática, especialmente em modalidades como o *mountain bike* (MTB), amplamente praticado em ambientes não asfaltados e com vegetação (Rosa, Teixeira e Carvalhinho, 2013; Andrade e Rodrigues, 2018; Pickering e Rossi, 2016). Dessa forma, o cicloturismo desponta como uma alternativa sustentável que integra turismo, saúde, cultura e conservação ambiental (Soldado et al, 2021), requerendo avanços em planejamento, infraestrutura e governança para consolidar seu potencial no Brasil.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A construção do Caminho dos Encontros (Figura 1) foi conduzida sob a abordagem da Pesquisa-Ação, que se caracteriza pela integração entre ação prática e produção de conhecimento científico, envolvendo a participação ativa de pesquisadores e atores sociais na resolução de problemas concretos (THIOLLENT, 2011; TRIPP, 2005). Essa estratégia metodológica não se limita à execução de atividades, mas exige a observação, o registro sistemático e a reflexão crítica sobre o processo, permitindo que a prática seja constantemente reorientada à luz das evidências e do diálogo com a teoria.

Figura 1: Logotipo do Caminho dos Encontros.



Fonte: Os autores.

Segundo Tripp (2005), a pesquisa-ação não apenas busca compreender a realidade estudada, mas também transformá-la, operando em ciclos que alternam diagnóstico, planejamento, ação, avaliação e reflexão. No caso deste estudo, cada etapa da implementação da rota foi acompanhada de análises e

ajustes, garantindo que os aprendizados fossem incorporados imediatamente às ações subsequentes.

A escolha dessa abordagem se justifica por dois motivos principais: (i) a natureza colaborativa do projeto, que envolveu a interação contínua entre idealizadores, ciclistas voluntários, comunidades locais e representantes políticos; e (ii) a necessidade de compreender não apenas os resultados tangíveis da implementação, mas também os processos, desafios e negociações que ocorreram ao longo de sua construção.

O trabalho iniciou-se com a definição de objetivos claros: evitar rodovias de tráfego intenso, promover a segurança dos ciclistas, valorizar a paisagem natural e rural, e estimular a conexão com o trajeto. A rota deveria permitir a travessia de Guarulhos (SP) até Aparecida (SP) por vias alternativas, preferencialmente estradas de terra, passando pelo estado de Minas Gerais.

O mapeamento técnico inicial foi realizado na plataforma colaborativa Wikiloc, com base em registros de outros ciclistas. Em seguida, foram conduzidas viagens de reconhecimento em veículos motorizados para avaliar infraestrutura, pontos de apoio, locais de pernoite e condições das vias. Ciclistas voluntários realizaram testes in loco, gerando registros fotográficos, anotações e relatórios qualitativos sobre trechos críticos e potencialidades.

No campo institucional, foi estabelecido contato com representantes do legislativo municipal. Um vereador de Guarulhos foi sensibilizado sobre a importância turística e cultural da rota, resultando na apresentação do Projeto de Lei nº 628/2022, posteriormente convertido na Lei nº 8.150, de 16 de janeiro de 2023, que instituiu oficialmente o Caminho dos Encontros no calendário municipal.

A partir dessa base, iniciou-se a articulação com demais municípios do percurso, buscando reconhecimento institucional. A sinalização foi implementada com recursos próprios, utilizando setas verdes com contorno amarelo para garantir visibilidade e orientação. Paralelamente, houve divulgação nas redes sociais, com compartilhamento do trajeto em formato GPX e estímulo à participação pública por meio do envio de sugestões de aprimoramento.

Durante todas as etapas, os dados gerados — relatos de campo, registros fotográficos, interações nas redes sociais e feedback de ciclistas — foram sistematicamente organizados e analisados qualitativamente. Essa análise

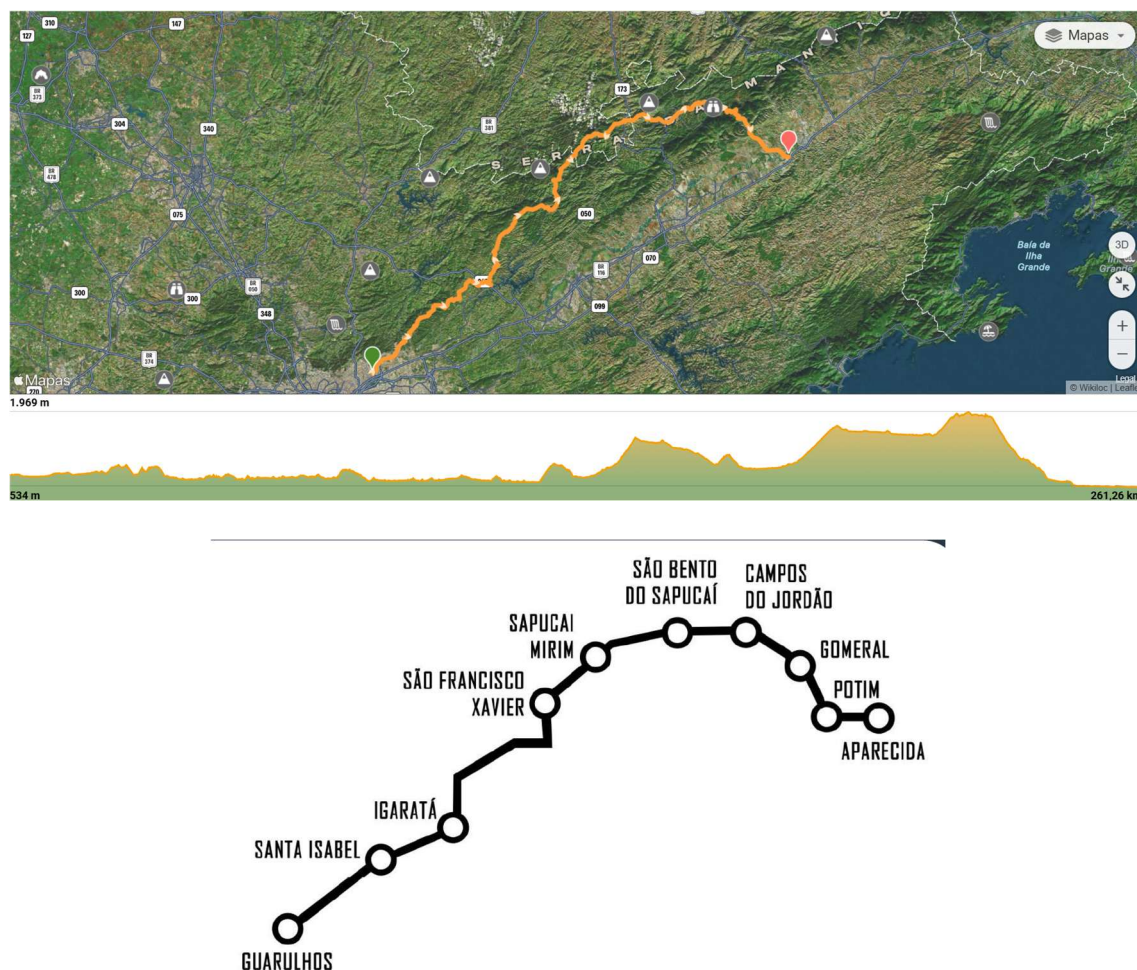
permitiu identificar fatores facilitadores e obstáculos, embasando a discussão crítica dos resultados à luz da literatura sobre rotas cicloturísticas, governança intermunicipal e turismo religioso. A natureza iterativa da pesquisa-ação possibilitou que ajustes fossem feitos de forma contínua, garantindo que o projeto incorporasse aprendizados ao longo do seu desenvolvimento e resultasse em uma proposta mais sólida e adaptada à realidade local.

4. RESULTADOS

A primeira etapa do projeto resultou na consolidação de um percurso de aproximadamente 261 quilômetros, passando por trechos rurais, trilhas e estradas de terra. O trajeto (Figura 2), ao evitar as rodovias Dutra e Ayrton Senna, oferece uma alternativa mais segura e contemplativa, adequada tanto para cicloturistas experientes quanto para grupos com interesses religiosos. O mapeamento da rota incluiu a produção de material cartográfico detalhado, com perfil altimétrico e identificação das cidades percorrida.

5º ENCONTRO PARA O DESENVOLVIMENTO DO CICLOTURISMO
CURITIBA, PR, 26 A 30 DE AGOSTO DE 2025

Figura 2: Em cima: Mapa com Rota do caminho dos Encontros, com distância e perfil altimétrico. Em baixo: Cidades que compõem o caminho.



Fonte: Os autores, a partir de Wikiloc e Open Street Maps.

O trajeto inaugural permitiu o registro de pontos críticos, possibilitando ajustes na sinalização e na identificação de locais inseguros. Paralelamente, a iniciativa conquistou reconhecimento institucional com a aprovação da Lei Municipal de Guarulhos nº 8.150/2023, que incluiu oficialmente o Caminho dos Encontros no calendário de eventos da cidade. A mobilização gerou engajamento significativo nas redes sociais, permitindo monitorar indicadores como número de seguidores, comentários e sugestões recebidas, que subsidiaram melhorias contínuas no percurso.

Além disso, foi iniciado o levantamento da infraestrutura de apoio nas cidades do trajeto, incluindo hospedagem, alimentação e serviços mecânicos, com vistas à futura publicação de um guia impresso e digital. Também foi identificado o potencial de uso multifuncional da rota, permitindo a participação

de caminhantes, o que amplia seu alcance e valor recreativo. A articulação com os municípios ao longo do percurso foi iniciada, apresentando diferentes níveis de adesão, permanecendo em andamento.

A tabela 1 a seguir apresenta os principais marcos do Caminho dos Encontros, evidenciando a evolução do projeto desde a concepção da rota, passando pelo reconhecimento do percurso e a realização da primeira ciclovagem, até a criação da identidade visual, a sinalização, a aprovação da Lei Municipal nº 8.150/2023 e a oficialização da rota no aplicativo Wikiloc. Esses eventos permitem acompanhar de forma clara e organizada os resultados concretos alcançados ao longo do tempo.

Tabela 1: Principais marcos do Caminho dos Encontros, incluindo concepção da rota, reconhecimento do percurso, primeira ciclovagem, criação da identidade visual, sinalização, aprovação da Lei Municipal nº 8.150/2023 e oficialização da rota no aplicativo Wikiloc.

Data	Evento	Descrição
05/01/2021	Elaboração	Início das conversas sobre a criação do Caminho dos Encontros
08/01/2021	Traçado inicial	Rota desenhada usando o aplicativo Wikiloc
05/07/2021	Reconhecimento	Avaliação do percurso em veículo para identificar trechos críticos
09/07/2021	Formação do grupo	Alinhamento com ciclistas para a primeira viagem
10/07/2021	Criação do logo	Desenvolvimento da logomarca e identidade do projeto
31/07/2021	Sinalização	Produção das placas sinalizadoras para o caminho
30/10/2021	Início do caminho	Partida de Guarulhos em direção a São Francisco Xavier
01/11/2021	Conclusão do percurso	Chegada em Aparecida, finalizando a primeira viagem
16/06/2023	Projeto aprovado	Lei nº 8.150 inclui oficialmente o Caminho dos Encontros no calendário de eventos
10/09/2023	Rota oficial	Criação da rota oficial via aplicativo Wikiloc
Atual	Relatos	Peregrinos e ciclistas compartilham experiências positivas sobre o caminho

Fonte: Os autores.

5. DISCUSSÃO

A criação do Caminho dos Encontros ilustra, na prática, a viabilidade de se desenvolver uma rota de cicloturismo com base em princípios de segurança, acessibilidade, espiritualidade e conexão com a natureza — aspectos frequentemente apontados na literatura como essenciais para o sucesso de iniciativas desse tipo (Nazareth, 2017; Becker, Becker e Pisoni da Silva, 2020). A rota proposta responde à demanda por experiências significativas que vão

além do deslocamento físico, promovendo uma jornada que articula bem-estar individual, vivência comunitária e valorização do território.

O percurso planejado entre Guarulhos (SP) e Aparecida (SP) preenche uma lacuna geográfica e simbólica no cicloturismo religioso nacional. Enquanto muitas rotas religiosas no Brasil concentram-se em áreas tradicionalmente reconhecidas como caminhos de peregrinação, esta iniciativa propõe um ponto de partida urbano e densamente povoado (segunda maior cidade em população do estado de São Paulo), oferecendo uma alternativa mais democrática e acessível. Essa escolha está alinhada com os estudos que destacam a importância da inclusão e da descentralização do turismo de experiência (Saldanha et al., 2019; Falbo, Edra e Teixeira, 2019).

A metodologia adotada — fortemente baseada em práticas colaborativas, testagem empírica e mobilização social — confirma a relevância de abordagens participativas na construção de rotas cicloturísticas sustentáveis, como já defendido por Soldado et al. (2021). O uso de ferramentas digitais colaborativas, como o Wikiloc, potencializou o mapeamento inicial e a troca de informações entre ciclistas, promovendo uma construção coletiva e contínua do trajeto.

Os primeiros resultados demonstram que, mesmo com recursos limitados, é possível alcançar um grau significativo de engajamento e reconhecimento institucional. A aprovação da Lei nº 8.150/2023 representa um passo importante na consolidação política da rota, embora a adesão dos demais municípios ao longo do caminho ainda esteja em processo. Esse dado, ao mesmo tempo que representa uma conquista, também revela tensões na articulação intermunicipal. Na prática, observou-se que a ausência de uma instância de governança regional estruturada e a variação no interesse político entre os gestores municipais dificultam a criação de estratégias conjuntas, confirmando, mas também detalhando, o que Segovia (2019) aponta sobre os desafios da governança territorial no cicloturismo brasileiro.

Outro ponto relevante diz respeito à multifuncionalidade da rota. A possibilidade de utilização por caminhantes amplia o alcance do projeto e reforça seu caráter inclusivo e intermodal, algo ainda pouco explorado em rotas nacionais. Isso também se relaciona com a ideia de que o cicloturismo pode ser

um vetor de educação ambiental e valorização cultural, sobretudo quando promove o contato direto com paisagens naturais e rurais (Soldado et al., 2021). Entretanto, a sobreposição de usos também traz desafios operacionais, como a necessidade de sinalização adaptada para públicos diferentes e a conciliação de ritmos e necessidades distintas, um aspecto ainda pouco discutido na literatura nacional.

A discussão também precisa considerar as limitações atuais. A sinalização, embora iniciada, ainda depende de maior investimento e padronização para garantir segurança e legibilidade em todo o percurso. A articulação com comércios locais e setores de hospedagem é incipiente, mas essencial para fortalecer a economia local e criar uma rede de apoio aos cicloturistas, como já observado em experiências consolidadas em outras regiões do país (Almeida, Ramos e Gabriel-Neto, 2017). Essa lacuna evidencia a importância de políticas públicas e parcerias privadas para sustentar rotas a longo prazo, indicando que, embora a mobilização comunitária seja fundamental, ela não substitui a necessidade de suporte institucional e financeiro.

Finalmente, o relato evidencia a potência transformadora do cicloturismo religioso quando concebido como ferramenta de espiritualidade ativa e pertencimento ao território. A bicicleta, nesse contexto, deixa de ser apenas um meio de transporte e exercício físico, para se tornar mediadora de experiências significativas — uma ideia ressonante com autores que destacam a bicicleta como símbolo de autonomia, reflexão e conexão com o ambiente (Teixeira e Edra, 2020; Sartori, 2021). No caso específico do Caminho dos Encontros, a aprovação de uma lei municipal para oficializar a rota sugere que, em certos contextos, a legitimidade institucional pode anteceder a consolidação completa da infraestrutura. Isso contrasta com parte da literatura, que geralmente coloca a infraestrutura como pré-requisito para o reconhecimento formal e abre espaço para novas reflexões sobre a ordem e a interdependência desses processos.

Além disso, o Caminho dos Encontros se alinha às reflexões de Soldado et al. (2021), que chama atenção para o subaproveitamento das unidades de conservação brasileiras em relação ao cicloturismo, apesar de seu potencial para conciliar conservação ambiental, bem-estar e desenvolvimento local. Os autores argumentam que, embora o ciclismo seja uma atividade de baixo

impacto e crescente popularidade, muitos parques nacionais e estaduais impõem restrições à sua prática, limitando o avanço de rotas sustentáveis em território nacional. Nesse sentido, a experiência do Caminho dos Encontros reforça esta importância, passando por áreas protegidas como o Parque Estadual de Itaberaba e o Parque Estadual de Campos de Jordão, no Estado de São Paulo. Maiores articulações se fazem necessárias para integrar uma visita efetiva e uso público dessas áreas em rotas cicloturísticas, como o caminho proposto.

Assim, o Caminho dos Encontros não apenas inaugura uma nova rota ciclística, mas também contribui para o debate sobre mobilidade, turismo e espiritualidade no Brasil contemporâneo, reforçando a importância de iniciativas locais e colaborativas na construção de futuros mais sustentáveis e integrados. A articulação entre ciclistas, comunidades e poder público, como ocorreu nesse projeto, exemplifica o tipo de governança colaborativa necessária para avançar em direção a políticas mais inclusivas e integradas de uso do território, com base em princípios sustentáveis.

6. CONCLUSÃO

O Caminho dos Encontros simboliza a força da articulação entre experiências pessoais, engajamento coletivo e políticas públicas voltadas ao desenvolvimento sustentável. A iniciativa demonstrou que é possível transformar um sonho individual — o de percorrer uma rota segura e significativa entre Guarulhos e Aparecida — em um projeto estruturante, com potencial de impacto cultural, turístico e espiritual. Ao reunir exercício físico, fé, natureza e comunidade, o caminho transcende a lógica da mobilidade para se constituir como um instrumento de pertencimento e valorização do território.

A consolidação institucional da rota ainda está em curso, exigindo persistência, articulação intermunicipal e apoio das comunidades locais. No entanto, os resultados obtidos até o momento indicam um caminho promissor. Com o avanço das parcerias, melhorias na infraestrutura e ampliação da divulgação, acredita-se que o Caminho dos Encontros possa tornar-se referência em cicloturismo religioso no Brasil, inspirando outras iniciativas semelhantes.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R.; RAMOS, A. P. T.; GABRIEL NETO, F. A. *Circuitos de cicloturismo como indutores de desenvolvimento econômico: um estudo sobre a rota do Agreste – PE*. In: EDRA, F. P. M.; DECASTRO, J.; SALDANHA, L. (Orgs.). **Cicloturismo urbano em foco**. Niterói: FTH/UFF, 2017. p. 121–129. Disponível em: <http://planett.com.br/wp-content/uploads/2019/02/AC-2016.10.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- ANDRADE, V.; RODRIGUES, J. M. *Economia da bicicleta no Brasil*. Rio de Janeiro: LABMOB-UFRJ, 2018. Disponível em: http://www.aliancabike.org.br/downloadestudo-economia-bicicleta/00c00/ECONOMIA_DA_BICICLETA_jul_18.pdf. Acesso em: 9 jun. 2025.
- BAPTISTA, L.; COCHINSKI, V. *Cicloturismo: um olhar sobre os participantes da rota de Itaparã, Irati–PR*. Fórum Internacional de Turismo do Iguassu, 2015. Disponível em: <http://festivaldascataratas.com/wp-content/uploads/2015/12/5.-Cicloturismo-Um-Olhar-sobre-os-Participantes-da-Rota-de-Itapar%C3%A1-Irati-PR.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- BAPTISTA, L.; DE GOVEIA, E. F. *Nascimento de um produto turístico: caracterização de um atrativo rural na Terra dos Pinheirais (PR)*. Revista Brasileira de Ecoturismo, v. 12, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6617/4225>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- BECKER, A.; BECKER, A. M.; PISONI DA SILVA, A. *Pedalandando com turismo*. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 11, n. 1, 14 fev. 2020. Disponível em: <https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/87335>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- CARVALHO, T. J. L.; RAMOS, J. L.; SYDOW, E. *O cicloturismo como fator de desenvolvimento da atividade turística nas cidades de Araguaína e Nova Olinda–Tocantins*. Revista Brasileira de Ecoturismo, v. 6, n. 4, 2013. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/ecoturismo/article/view/6358>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- FALBO, L.; EDRA, F. P. M.; TEIXEIRA, C. *Cicloturismo, potencial adormecido em Niterói*. Revista de Turismo Contemporâneo, v. 7, n. 2, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/18039/12285>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- FERREIRA, S. O.; DE MELLO, G. A.; LIBERALI, R. *Alterações antropométricas decorrentes de uma viagem de cicloturismo*. Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício, v. 4, n. 22, 2010. Disponível em: <http://www.rbpfex.com.br/index.php/rbpfex/article/viewFile/265/267>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- IHA, M. S. *Os potenciais do cicloturismo urbano brasileiro: estudo da cidade de São Paulo*. In: EDRA, F. P. M.; DECASTRO, J.; SALDANHA, L. (Orgs.). **Cicloturismo urbano em foco**. Niterói: FTH/UFF, 2017. p. 103. Disponível em: <http://planett.com.br/wp-content/uploads/2019/02/AC-2016.08.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- JENOVEVA-NETO, R.; PINTO VIEIRA, A. C. *Turismo de experiência para a região delimitada pela indicação de procedência dos Vales da uva Goethe, Sul de Santa Catarina–Brasil*. Revista Turydes: Turismo y Desarrollo, v. 12, n. 26, 2019. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/turydes/26/vales-uvagoethe.zip>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- JUNIOR, L. G.; CARMO, C. S.; COLLOCA, E. A.; CORRÊA, D. A. *Projeto de educação ambiental e lazer (PEDAL): dialogando a partir do cicloturismo na escola*. LICERE, v. 14, n. 4, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/752/553>. Acesso em: 9 jun. 2025.

5º ENCONTRO PARA O DESENVOLVIMENTO DO CICLOTURISMO
CURITIBA, PR, 26 A 30 DE AGOSTO DE 2025

- NAZARETH, F. *Pedalentos e o cicloturismo inclusivo como estímulo para pessoas que não têm hábito de viajar de bicicleta*. In: EDRA, F. P. M.; DECASTRO, J.; SALDANHA, L. (Orgs.). **Cicloturismo urbano em foco**. Niterói: FTH/UFF, 2017. p. 99–102. Disponível em: <http://planett.com.br/wp-content/uploads/2019/02/AC-2016.07.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- PICKERING, C. M.; ROSSI, S. D. *Mountain biking in peri-urban parks: social factors influencing perceptions of conflicts in three popular National Parks in Australia*. *Journal of Outdoor Recreation and Tourism*, v. 15, 2016.
- ROLDAN, T. R. R. *Cicloturismo: planejamento e treinamento*. Campinas: UNICAMP, 2000. Monografia de Graduação.
- SARTORI, A. O evento ciclístico “Pedala Trento” e suas contribuições para o cicloturismo em Nova Trento/SC e região. *Revista Observatório de Inovação do Turismo*, v. 14, n. 3, 2020. Disponível em: <http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/raoit/article/view/5631>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- SARTORI, A. *Perfil do ciclista e cicloturista em Santa Catarina (Brasil): aspectos socioeconômicos e suas motivações para o uso da bicicleta*. *Revista Turismo em Análise*, v. 32, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/177111/176768>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- SEGOVIA, Y. N. S. *Gestão urbana e arranjos institucionais para a política de ciclomobilidade: perspectivas de avanço no cicloturismo urbano na cidade de Curitiba, Brasil*. XI Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo, 2019. Disponível em: <https://upcommons.upc.edu/handle/2117/171587>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- SOLDADO, E. B.R.; QUEIROZ, O. T. M. M.; MAGRO-LINDENKAMP, T. C. Unidades de conservação e cicloturismo: contextos e possibilidades. *Revista Eletrônica Uso Público em Unidades de Conservação*, v. 9, n. 14, p. 59-78, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.47977/2318-2148.2021.v9n14p59>. Acesso em: 09 jun. 2025.
- TEIXEIRA, C. A.; EDRA, F. P. M. *Cicloturismo: origem e conceito da palavra a partir de Koselleck*. *Turismo: Visão e Ação*, v. 22, 2020. p. 318–333.
- THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022005000300009>
- VIACICLO – ASSOCIAÇÃO DOS CICLOUSUÁRIOS DE FLORIANÓPOLIS. *Circuitos de cicloturismo: manual de incentivo e orientação para os municípios brasileiros*. [s.d.]. Disponível em: <http://www.clubedecicloturismo.com.br/arquivos/Manual-Circuitos-Cicloturismo.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.